

A ‘Guerra do Rio’ (ou Como a ocupação policial-militar de favelas cariocas foi representada nos mapas do jornal O Globo)

‘War in Rio’ (or How the military occupation in favela was represented in O Globo’s journalistic maps)

Liebert Bernardo Rodrigues Ferreira Pinto*

Resumo

No discurso do jornal O Globo, a ocupação policial-militar de favelas foi representada como uma guerra – a ‘Guerra do Rio’ –, assim como os seus mapas sobre o tema. O noticiário sobre a ‘Guerra do Rio’ pode ser identificado como um discurso midiático sobre a violência no qual as alteridades entre ‘favela’ e ‘asfalto’ são reforçadas, através da imagem da favela como território da violência no Rio de Janeiro e dos moradores das áreas favelizadas como o ‘outro’. Considerando que a forma que O Globo representou a ocupação policial-militar de favelas através dos seus mapas possui heranças da cartografia jornalística alemã e norte-americana de guerra, vamos interpretar os mapas da ‘Guerra do Rio’ na perspectiva de que são construtores da narrativa de uma guerra contra o ‘outro’. Nessa batalha, o território a ser conquistado é a favela e o território a ser defendido é o ‘asfalto’ assim como os inimigos são os ‘favelados’ e os heróis são as forças policiais e militares. Analisaremos então três mapas que abarcam o período da megaoperação de ocupação policial e militar do Complexo da Penha, Alemão e Vila Cruzeiro, quando os acontecimentos ganharam visibilidade mundial. Reconhecemos que a narrativa construída por esses mapas no discurso do jornal vai da ameaça territorial do Rio de Janeiro até a conquista da favela, quando finalmente chega a ‘pacificação’.

Palavras-chave: mapas jornalísticos; favela; Unidade de Polícia Pacificadora; guerra; discursos sobre o ‘outro’.

Abstract

The favela occupation by military forces in Rio de Janeiro is reported by O Globo newspaper as a war and the maps used to illustrate the subject are important to confirm this idea. News about a “War in Rio” could be represented as a media trick to increase contrasts between favela and the city itself, once the favela area is often putted as a violent territory and people who live in there are always considered the “other”. Considering the way that O Globo uses the maps has a strong heritage at american and german’s journalistic cartography about war, this intends to analyze the role of the maps to construct a train of line in with the favela is the territory to attack in order to save the city. In this case, the heroes are the police force and people who live at favela are the enemy. Therefore, the article will analyze three different maps used in O Globo about a major police operation at Complexo da Penha, Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão, when this kind of theme reached international interest. We consider that story built by these maps goes from a territory threat in Rio de Janeiro until it finally achieve the peace.

Keywords: journalistic maps; favela; Peacekeeping Police Units; war; discourses about the Other.



O discurso da guerra

O Dia D da guerra ao tráfico [1]:

Seis blindados do Corpo de Fuzileiros Navais, da Marinha, transportando militares e policiais do Bope, fizeram a diferença ontem em operação policial histórica que retomou, na Vila Cruzeiro, o principal bunker do tráfico no Rio. O comboio foi aplaudido pelas pessoas nas ruas. Numa semelhança simbólica com o desembarque das tropas aliadas na Normandia – que abriu as portas para a derrota da Alemanha nazista –, a ação na cidade foi o Dia D do combate ao tráfico que, desde domingo, realiza ataques em vários locais. (...) Houve intenso tiroteio entre as forças de segurança (cerca de 600 policiais civis, militares e fuzileiros) e traficantes.

Imagens dramáticas como as descritas acima apresentaram ao Brasil e ao mundo a política pública de ocupação policial-militar de áreas favelizadas do Rio de Janeiro [2] – a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Provavelmente a maior parte dos espectadores experimentou a UPP através de representações como essa, que se tornaram um clichê nos discursos midiáticos sobre o tema. No jornal O Globo, meio de comunicação impresso mais influente e de maior circulação no Rio de Janeiro, os conflitos decorrentes da ocupação de favelas por forças do Estado foram frequentemente representados como uma guerra – ‘A Guerra do Rio’, expressão que o jornal utilizou para intitular notícias e cadernos especiais sobre o tema. [3] Por vezes, o jornal se valeu de referências explícitas a guerras do passado ou expressões belicosas para qualificar os eventos noticiados, como em “O Dia D da guerra ao tráfico” [4], onde comparou a ação policial-militar em uma favela ao desembarque das tropas dos Aliados na Normandia, região francesa ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nesta mesma matéria, o jornal se refere à favela Vila Cruzeiro como o principal bunker do tráfico. Paradoxalmente, a mesma ação foi comparada pelo jornal à estratégia militar consagrada pelos nazistas, a “guerra-relâmpago”, como mostra a manchete “Tática usada pela polícia na Penha lembrou a ‘Blitzkrieg’” [6]. Enfim, em tantas outras matérias o jornal mobilizou referências textuais e visuais para representar um cenário de guerra, onde o ‘teatro’ de operações era a favela. Dentre as imagens utilizadas nesse discurso de guerra está a cartografia jornalística.

Neste texto não debateremos se os conflitos decorrentes da implantação das UPPs eram uma guerra ou qual tipo de guerra estes seriam. Nos concentraremos no discurso do jornal O Globo, que comunicou os acontecimentos sobre o tema como uma guerra de fato. Consideramos aqui a importância da prática discursiva a partir da perspectiva de Michel Foucault, de onde extraímos que o conhecimento sobre

1. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Rio, p.1.

2. A última pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais, em 2014, coloca o jornal O Globo como o segundo mais lido do Brasil, com média de 333.860 exemplares por mês, atrás apenas da Folha de São Paulo, com média de 351.745 exemplares por mês. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

3. O antetítulo ‘A Guerra do Rio’ foi usado pela primeira vez na matéria

“O poderio bélico do tráfico” (19 out. 2009. c. Rio, p.8), perdurando até “Morros têm novo dono: os cariocas” (14 nov. 2011. c. Rio, p. 10). Os cadernos especiais com este título foram publicados em 26, 28 e 29 nov. 2010.

4. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Rio, p. 1.

5. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p. 2.

6. Sobre este debate, ver BRITO, VILLAR e BLANK (2013).

as coisas é moldado pelo discurso, que produz e reproduz significados que orientam falas e ações (1997, 1998, 2000). Considerando a grande circulação e prestígio d’O Globo e o poder dos meios de comunicação em massa na formação da opinião pública (CHOMSKY, 1988), entendemos aqui que a forma na qual o jornal descreve a ocupação policial-militar de favelas – como uma guerra – pode exercer influência sobre o território em questão, seja nas práticas ou nos saberes sobre ele. Para representar os confrontos causados pela instalação das UPPs tal qual uma guerra, O Globo empregou conteúdos textuais e imagéticos nos quais se reconhece uma dramatização espetacular da violência (BRITO, VILLAR e BLANK, 2013, p.220). Diversos mapas do jornal se apresentaram desta forma, como na Figura 1.

A ligação imediata entre violência e favela é recorrente nos grandes veículos de mídia (BRITO, 2013). O discurso midiático sobre a violência, afirma Rondelli (1997), é um espaço de construção de representações dentro do qual se fabrica imagens sobre um ‘outro’, demonizado, em contraponto a uma imagem de ‘ordem’ produzida simultaneamente. Historicamente, os moradores das favelas do Rio de Janeiro têm sido considerados o ‘outro’ no imaginário social (ALVITO e ZALUAR, 1998). Da mesma forma, a favela é considerada o território da violência na cidade (MISSE, 2008; MACHADO DA SILVA, 2010; LEITE, 2014), juízo que “alimenta e justifica a formulação de uma política de segurança pública cujo principal vetor é encontrado na ‘guerra às favelas.’” (LEITE, 2014, p.626). Entendendo que este discurso constrói alteridades, podemos identificar na representação da ‘Guerra do Rio’ uma cidade dividida: de um lado, o inimigo – que abertamente pode ser identificado nos narco-trafficantes, mas que de maneira latente pode se estender a qualquer morador da favela, historicamente identificado como um inimigo público potencial pela mídia (BRITO, 2013, p.87) – e, do outro lado, os heróis – as forças policiais e militares. Na questão espacial, um território a ser conquistado – a favela – e outro a ser defendido – o ‘asfalto’ do Rio de Janeiro, ou seja, a cidade dita formal.

Assim sendo, o discurso da ‘Guerra do Rio’ empreendido pelo jornal O Globo reforçou o lugar da favela como o território da violência na cidade, o que legitima para a opinião pública essas operações militares e policiais. Este discurso de guerra do jornal está presente no conteúdo dos seus mapas, que serão aqui entendidos a partir do prisma de uma guerra contra o ‘outro’ – o ‘favelado’ e o seu território.

Os mapas jornalísticos na guerra

Se O Globo representou a ocupação policial-militar de favelas como uma guerra, os mapas deste jornal se apresentaram da mesma maneira, como mostra o mapa da Figura 1. A representação da guerra é recorrente em mapas jornalísticos (MON-MONIER, 1989), assim como o próprio desenvolvimento da cartografia jornalística está ligado ao noticiário de guerra: é fato seguro que foi durante a Segunda Guerra

O passo a passo da missão

Sem disparar um só tiro, cerca de três mil homens ocuparam ontem, numa ação que durou duas horas, as favelas da Rocinha, do Vidigal e da Chácara do Céu. Mas os preparativos começaram as 22h de sábado, quando toda a região passou a ser controlada pela Corregedoria da Polícia Militar. Às 2h30m de domingo, todos os vias de acesso às comunidades foram bloqueadas, só sendo liberadas no início da manhã. No primeiro dia de ocupação, 5 homens foram presos. Entre o material apreendido estão 15 fuzis, 75 motos, 1 carro Toyota Hilux e 15 máquinas caça-niquéis

ROCINHA

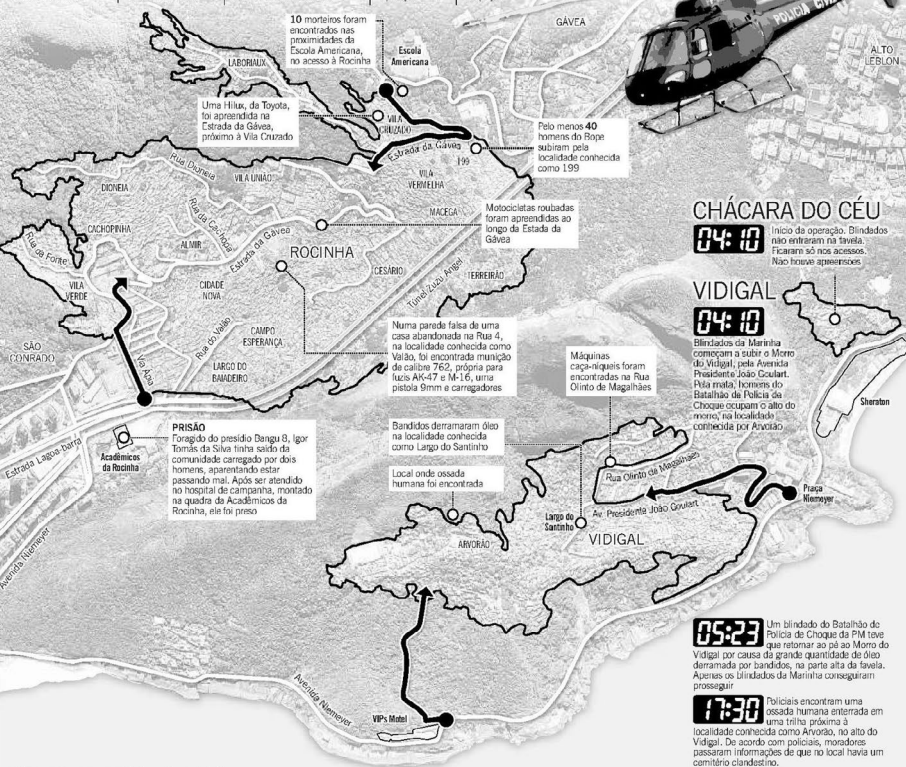
04:09 Blindados da Marinha que estavam na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, entram na Estrada da Gávea

04:10 No lado de São Conrado, blindados da Marinha começam a subir a Estrada da Gávea

Entre 4h12m e 5h58m, entram na favela policiais do Batalhão de Choque (BPCoque), Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), da Polícia Civil e da Polícia Federal. Helicópteros sobrevoadam a comunidade

06:00 Tornado das três comunidades, depois de duas horas de operação

12:45 Em frente a UPA da Rocinha, após o hasteamento das bandeiras do Brasil e do Estado do Rio, moradores batem palmas e exaltam a ocupação



EQUIPAMENTOS USADOS



Fig 1. Mapa do jornal O Globo, intitulado 'O passo a passo da missão'.

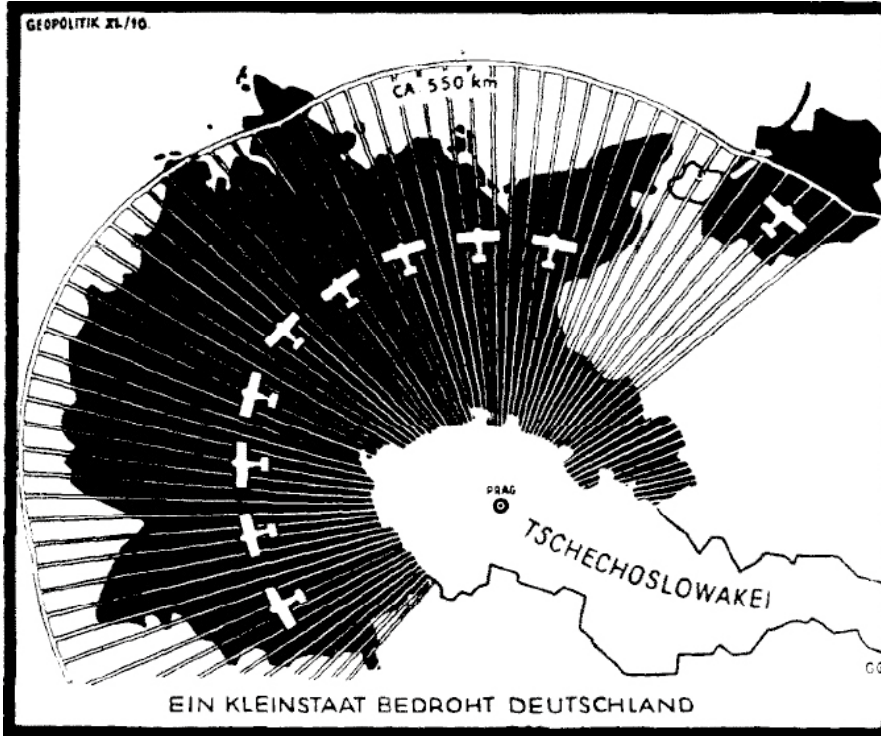
Fonte: O passo a passo da missão. O Globo, Rio de Janeiro, 14 nov. 2011. c. Rio, p.13.

7. O texto em língua estrangeira é: “(...) in order to maximize the psychological effect on the map audience and to make the map a powerful tool of conviction.”

Fig 2. Mapa da Geopolitik, no qual se lê ‘um país menor ameaçando a Alemanha’
Fonte: HERB (1989, p.292)

Mundial que, pela primeira vez, os mapas ganharam destaque e se tornaram frequentes na imprensa (RISTOW, 1957, MONMONIER, 1989, GREEN, 1999). Dentro do cenário dessa época, os mapas jornalísticos alemães e norte-americanos podem ser considerados “os principais criadores de uma linguagem cartográfica utilizada para representar a guerra na imprensa” (NOVAES, 2010, p.109).

Na cartografia jornalística alemã, os exemplos mais notórios são os mapas da Geopolitik (Figura 2) – a geopolítica do país –, que começaram a circular no período entre guerra na revista Zeitschrift für Geopolitik, na qual o general e geógrafo Karl Haushofer (1869-1946) foi o criador, editor e alicerce teórico. Estes mapas foram utilizados principalmente para defender o expansionismo alemão na imprensa, a partir de argumentos que exploravam uma suposta fragilidade da Alemanha perante as ameaças estrangeiras e o sentimento revanchista contra as nações que venceram o país na Primeira Guerra Mundial (HERB, 1989). Haushofer e seus discípulos buscavam intencionalmente “fazer do mapa uma poderosa ferramenta de convencimento” [7] (HAUSHOFER apud HERB, 1989, p.291 tradução nossa), elaborando para isto padrões rigorosos de design que, através de uma linguagem simplificada, otimizavam os argumentos vantajosos defendidos pelo mapa e omitiam as informações divergentes (HERB, 1989).



Na cartografia jornalística norte-americana destacam-se os mapas criados por Charles H. Owens [8] e Richard E. Harrison [9], publicados em diversos jornais e revistas dos Estados Unidos com a intenção de convencer a opinião pública da importância da participação do país na Segunda Guerra Mundial (NOVAES, 2010). Para realizar este intento, Charles H. Owens confiava no apelo visual dos seus mapas, que representavam a guerra com riqueza de elementos pictóricos belicosos, trazendo uma narrativa dramática das batalhas inspirada na cultura visual americana da época (COSGROVE e DELL DORA, 2005). No mapa da Figura 3, de autoria de Owens, os aviões de caça, navios de guerra e explosões são elementos de uma “cartografia agressiva, ilustrando as relações estratégicas e batalhas específicas de uma guerra global no espaço de uma página de jornal.” [10] (COSGROVE e DELL DORA, 2005, p. 373, tradução nossa).



8. Ver COSGROVE (2005).

9. Ver NOVAES (2013).

10. O texto em língua estrangeira é: “(...) aggressive cartography, illustrating the strategic relations and specific engagements of a global war within the space of a newspaper page.

Fig 3. Mapa de Charles H. Owens (“North Africa Area Where British, Americans Battle Axis Forces”) Fonte: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc.

11. Cidadela do Tráfico. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 2010, c. Rio, p.17.

12. Ibid.

13. Invasão de favela corre o mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p. 14.

14. O Globo, Rio de Janeiro, 23 nov. 2010. c. Rio, p. 1.

15/16. O Globo, Rio de Janeiro, 24 nov. 2010, c. Rio, p.1.

No contexto geopolítico deste período, mais do que o propósito básico de apresentar aos leitores a localização do evento noticiado em uma matéria jornalística, o mapa foi utilizado na imprensa para fins propagandísticos (MONMONIER, 1989, GREEN, 1999, BORJA, 2008) e para mobilizar suporte popular (BORJA, 2008), atuando de forma ‘persuasiva’ e ‘sugestiva’ (RISTOW, 1957, HERB, 1989, COSGROVE e DELL DORA, 2005). Dessa forma, a cartografia esteve presente em diversos discursos midiáticos para legitimar conflitos militares e fazer o público ‘entrar’ no espírito da guerra: não são apenas mapas sobre a guerra, mas mapas de guerra, tanto pela sua aparência quanto pela intenção do uso. Tendo em vista que a supracitada cartografia jornalística alemã e norte-americana continua influenciando os mapas da imprensa até os dias atuais (NOVAES, 2010), acreditamos que essa forma de representar a guerra nos jornais sobrevive nos mapas d’O Globo no discurso da ‘Guerra do Rio’.

A narrativa territorial dos mapas da ‘Guerra do Rio’

Considerando que a forma que O Globo representou a ocupação policial-militar de favelas através dos seus mapas possui heranças da cartografia jornalística alemã e norte-americana de guerra, vamos interpretar os seguintes mapas na perspectiva de que são construtores da narrativa de uma guerra contra o ‘outro’. Nessa batalha, o território a ser conquistado é a favela, ou, nas palavras do próprio jornal, a ‘cidadela do tráfico’ [11] e ‘refúgio do crime’, [12] e o território a ser defendido é o ‘asfalto’. Analisaremos três mapas que abarcam o período da megaoperação de ocupação policial e militar do Complexo da Penha, Alemão e Vila Cruzeiro, auge do noticiário sobre a ‘Guerra do Rio’, quando os acontecimentos ganharam visibilidade mundial. [13]

O mapa dos ataques (dia 25)

O primeiro mapa a ser analisado – O mapa dos ataques (Figura 4) –, foi publicado no dia 25 de novembro de 2010 no caderno especial “A Guerra do Rio”. No entanto, para entender a narrativa aqui proposta, precisamos voltar ao dia 23 do mesmo mês, na matéria “Após ataques do tráfico, PM retomará ações em favelas” [14]: ela narra uma série de ataques realizados pelo tráfico em diversos pontos da cidade, no qual veículos foram incendiados e cabines de polícia foram metralhadas, sendo estes ataques os mencionados pelo título do mapa em questão. Na matéria, os ataques foram uma resposta orquestrada pelo tráfico ao ‘projeto de pacificação de favelas’ e, por esse motivo, a Polícia Militar intensificou as ações nas favelas. Do dia 23 ao 25, o número de ataques aumentou, e quanto mais os ataques aumentavam, mais o jornal noticiava uma reação maior da polícia, como na matéria “Beltrame: facções se uniram e reação da PM será em dobro” [15], publicada no dia 24. Já no dia 25, na matéria “PM avança para ocupar o bunker do tráfico na Penha” [16], o

jornal noticia que a operação da polícia foi intensificada, atuando em 30 favelas e resultando em 18 mortos. No mesmo caderno, o editorial do jornal se manifesta na seção Opinião, onde o título resume o artigo: Nesta guerra não pode haver recuo. [17] Paralelamente, os ataques creditados ao tráfico continuavam na cidade, e o jornal diz que, através deles, os “criminosos querem fragilizar a política de segu-

17. O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010, c. Opinião, p.6.

18. O mapa dos ataques. O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010, c. Rio, p.19.

19. O texto em língua estrangeira é: “(...) emphasizing supporting features, suppressing contradictory information, and choosing provocative, dramatic symbols.”

ranca e amedrontar a população”. [18]

A despeito da ‘megaoperação’ policial que ocorria na cidade no mesmo dia, o mapa enfatiza apenas os ataques do tráfico, omitindo as ações policiais. Para representar cada ataque, o mapa apresenta símbolos de veículos em chamas, homens armados com fuzis e explosões. Nos mapas ‘persuasivos’ da Geopolitik, a mensagem era moldada no sentido de “ênfatar características favoráveis, suprimir informações contraditórias e escolher símbolos provocativos e dramáticos” [19] (MONMONIER, 1991, p.87, tradução nossa). O mapa da Figura 4 pode ser entendido da mesma forma, já que a omissão das múltiplas ações policiais representa uma cidade totalmente à mercê dos ataques do tráfico. No mapa da Figura 2, da Geopolitik, o argumento sobre a vulnerabilidade territorial da Alemanha do período entre guerras é explorado em uma projeção de ataque aéreo estrangeiro que desconsidera o poder defensivo alemão. No discurso da ‘Guerra do Rio’, “O mapa dos ataques” mostra a cidade do Rio de Janeiro vulnerável, assediada de maneira alarmante e massiva por forças inimigas. Podemos então interpretar este mapa como um apelo urgente à necessidade de combater este inimigo em seu território – a favela.

Conheça o cenário da batalha de ontem (dia 26)

No dia 26 de novembro de 2010 o jornal noticia a ocupação policial-militar da Vila Cruzeiro e de outras favelas do Complexo da Penha – o ‘Dia D’ da ‘Guerra do Rio’. O Globo deu ampla cobertura aos acontecimentos, que ocuparam as 16 primeiras páginas do jornal em um caderno especial chamado ‘A Guerra do Rio’. Neste caderno, é publicado o mapa “Conheça o cenário da batalha de ontem” (Figura 5).

Neste mapa entra em cena a representação do território inimigo e dos heróis dessa narrativa. A cidade do Rio de Janeiro, antes indefesa, não é mais representada como o cenário da guerra, e sim as favelas Vila Cruzeiro, Complexo da Penha e Complexo do Alemão, indicadas com um alvo sobre elas, deixando claro o território que deve ser atacado. Os heróis – a polícia e o exército – e o seu arsenal são representados com riqueza de elementos pictóricos militaristas, à semelhança dos mapas de Charles H. Owens (Figura 3), descritos por COSGROVE e DELL DORA (2005) como uma “cartografia agressiva” e representação visual de uma geografia estereotipada de violência e destruição. As imagens dos ‘heróis’ são as de maior impacto visual no mapa, e nelas reconhecemos uma violência estetizada comumente propagada em discursos jornalísticos sobre a UPP, pautadas por um exibicionismo do poder bélico do Estado que possui ‘efeito de intimidação’ (OLIVEIRA, 2013). Os narcotraficantes são representados em posição de fuga, trajando bermuda e chinelo, conforme o estereótipo de ‘marginal’ partilhado socialmente entre parte do público. O seu arsenal é descrito, sem no entanto alcançar o da polícia em quantidade e variedade. Já os moradores das favelas são representados através

O MAPA DOS ATAQUES

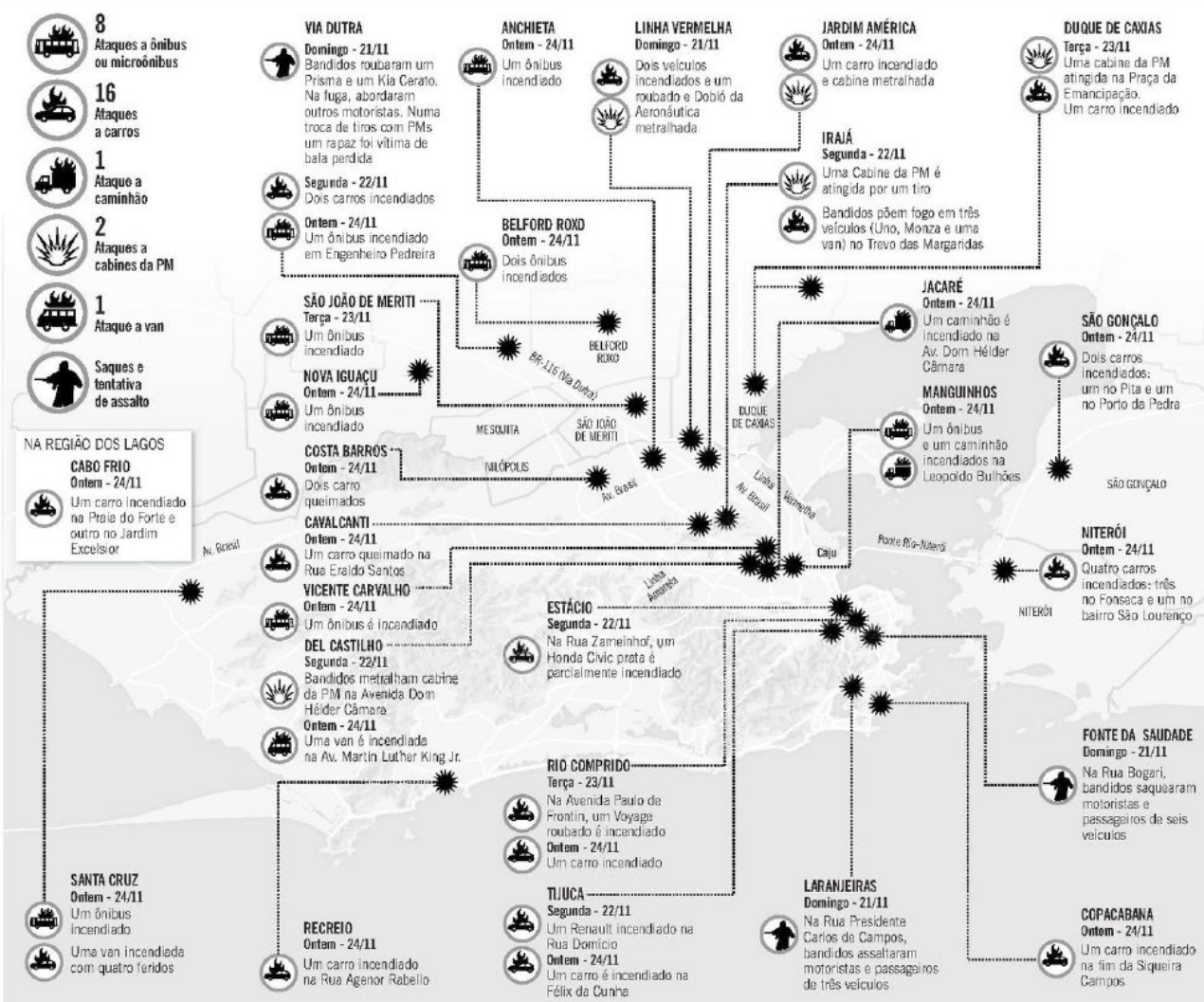
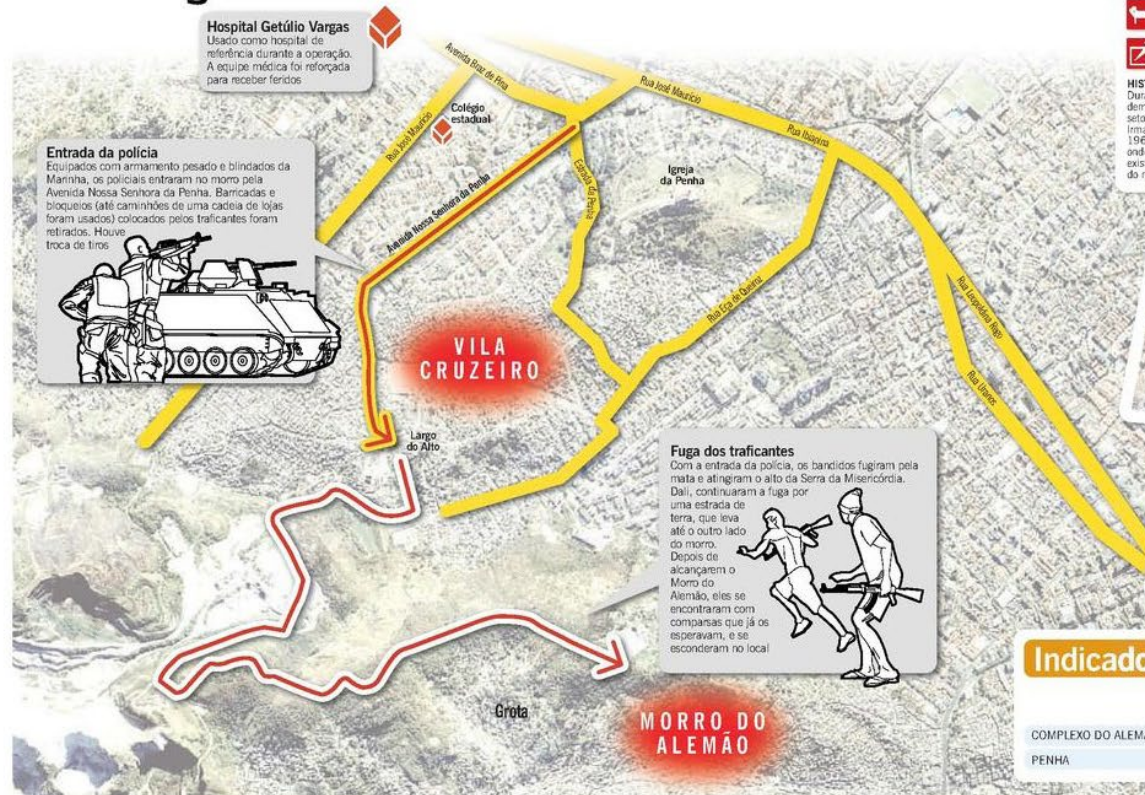


Fig 4. Mapa do jornal O Globo, intitulado ‘O mapa dos ataques’
Fonte: O mapa dos ataques. O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. c. Rio, p.19.



Conheça o cenário da batalha de ontem



VILA CRUZEIRO

19.511 MORADORES
5.593 DOMÍLIOS
245.129 m² ÁREA

HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO
Durante a década de 1940 iniciou-se a demarcação e a venda dos lotes do setor chamado St. Nestor. O setor foi invadido por invasão em 1960, aproximadamente. Atualmente, onde é a Rua Sargento Ricardo Filho, existia uma vila com uma cruz no alto do morro, daí o nome Vila Cruzeiro.

COMPLEXO DA PENHA

10 FAVELAS 45.681 MORADORES
12.917 DOMÍLIOS
1.205.840 m² ÁREA

BAIRROS
Penha, Penha circular e Olaria

FAVELAS
Morro da Caixa d'água (Avenida Lobo Junior, Penha Circular), Morro da Fé, Morro do Caracol (Penha), Morro do Sereno (PCI), Parque do Proletário (Penha, Grotão), Rua Frei Gaspar, Morro do Carmo, Rua Landelino Freire, Vila Cruzeiro, Vila Proletária da Penha.

COMPLEXO DO ALEMÃO

15 FAVELAS 57.054 MORADORES
15.745 DOMÍLIOS
1.905.715 m² ÁREA

BAIRROS
Olaria, Ramos, Bonsucesso, Penha, Inhamã e Higienópolis

FAVELAS
Entrada do Itararé, Itararé, Joaquim de Queiroz, Morro da Baiana, Morro das Palmeiras, Morro do Planço, Mourão Filho, Nova Brasília, Parque Alvorada, Relicário, Rua 1, pela Ademas, Rua Armando Sodré e Vila Matinha.

Indicadores da região

	Expectativa de vida ao nascer	Taxa de alfabetização de adultos	Taxa bruta de frequência escolar	Renda per capita (em R\$ de 2000)	Índice de Longevidade (IDL)	Índice de Educação (IDE)	Índice de Renda (IDH-R)	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)
COMPLEXO DO ALEMÃO	64,79 anos	89,07%	72,04%	177,31	0,663	0,834	0,637	0,711
PENHA	69,59 anos	95,12%	82,23%	373,05	0,743	0,908	0,761	0,804

AS ARMAS DA POLÍCIA

6 BLINDADO M-113

Blindado de transporte de tropas americano. Pode atingir grande velocidade em estradas de terra ou no asfalto. É um dos veículos blindados mais utilizados no mundo. No toque, tem sido usado pelos EUA por grupos de patrulha e de engenharia.



Tripulação: 2 tripulantes e até 11 soldados	Armamento principal: Metralhadora 12,5mm
Peso: 12.300kg	Velocidade na estrada: 68km/h
Blindagem: 1,2cm a 3,8cm, de alumínio	Alcance: 480km

4 CFN ANFÍBIO 7A1

Blindado anfíbio, é usado pela Marinha principalmente em operações na costa. Fabricado nos EUA, desenvolve grande velocidade mesmo em terrenos difíceis.



Tripulação: 3 tripulantes e até 21 soldados	Armamento principal: Metralhadora 12,7mm
Peso: 26.400kg	Velocidade na estrada: 72km/h
	Autonomia: 483km

5 BLINDADO PIRANHA

Fabricado na Suíça, é considerado um veículo blindado leve. Tem proteção especial anti-mísseis e sistema de preenchimento de pneus em caso de alvejamento.



Tripulação: 2 tripulantes e até 10 soldados	Armamento principal: Metralhadora 105mm
Peso: 21.000kg	Velocidade na estrada: 100km/h
	Autonomia: 750km

1 BLINDADO SK-105 ADAPTADO

Tanque leve de fabricação austriaca, ele foi comprado pela Marinha para compor o armamento do corpo de fuzileiros navais. Alguns destes veículos – como o usado na operação policial de ontem – foram adaptados para resgate e socorro.



Tripulação: 3 tripulantes	Armamento principal: Metralhadora 105mm
Peso: 21.000kg	Velocidade na estrada: 68km/h
	Autonomia: 520km

FUZILEIROS NAVAIS

88

POLÍCIA MILITAR

450 homens



POLÍCIA CIVIL (Core)

60 homens



AS ARMAS DO TRÁFICO

300 homens armados



ARMAS DOS TRAFICANTES



Fig 5. Mapa do jornal O Globo, intitulado 'Conheça o cenário da batalha de ontem' Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial ('A guerra do Rio'), p.8 - 9.

de números estatísticos, o que, somado à característica dos mapas de favorecer a noção do espaço socialmente vazio (HARLEY, 2009), torna ainda mais invisível a sua presença no território.

Na edição deste ‘Dia D’, o jornal noticia que o número de ataques na cidade diminuiu por conta da invasão da favela [20]. O mapa da Figura 5 passa imagem de que a favela é o espaço da ‘Guerra do Rio’, o ‘cenário da batalha’, reforçando a alteridade territorial entre o ‘asfalto’ e a ‘favela’ e os seus respectivos papéis nessa guerra.

Como foi a conquista do Complexo do Alemão (dia 29)

O Globo noticia no dia 27 de novembro de 2010 o início da ocupação do Complexo do Alemão – considerada pelo jornal como a “Batalha do Alemão” [21] – e a diminuição do número de ataques de 44 para 9 em 24h [22]. No dia 28: “Bandidos não aceitam ultimato e polícia decide invadir Alemão hoje” [23]. No dia 29, a capa do jornal celebra a ocupação do Complexo do Alemão, na manchete “O Rio mostrou que é possível – Cidade comemora a libertação do Alemão e a maior vitória contra o tráfico” [24]. Finalmente, na edição desse dia, é publicado o último mapa desta narrativa, intitulado Como foi a conquista do Complexo do Alemão (Figura 6), ocupando duas páginas do caderno especial “A Guerra do Rio”.

Este mapa possui a mesma profusão de elementos pictóricos belicosos da Figura 5. No entanto, o seu design se identifica com o do mapa de Charles H. Owens da Figura 3, que apresenta características semelhantes à dinâmica das histórias em quadrinhos americanas [25] (COSGROVE e DELL DORA, 2005): em ambos os mapas existem pequenas narrativas ilustradas da ação militar. No caso do mapa de Owens, é descrita a batalha entre aviões de caça e navios de guerra no teatro de guerra do Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. Já o mapa da ‘Guerra do Rio’ descreve a operação das forças policiais-militares em um cenário estereotipado de favela em corte vertical, no qual se detalha uma troca de tiros, a utilização estratégica de tanques e helicópteros de guerra, a prisão de um narcotraficante e o hasteamento das bandeiras do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro no alto do morro. Ao mesmo tempo, a movimentação das tropas policiais-militares no território do Complexo do Alemão é aqui mostrada através de setas, símbolo habitualmente usado para representar ataque e agressão em mapas jornalísticos ‘persuasivos’ (HERB, 1989, MONMONIER, 1991).

O poder esmagador da polícia se torna mais claro nesse mapa: o arsenal do tráfico nem sequer é representado, assim como os narcotraficantes agora são pequenas silhuetas batendo em retirada. Além do efeito de intimidação através da superioridade das forças policiais-militares sobre a favela, já mostrado no mapa da Figura 5, a descrição minuciosa das estratégias da operação que o mapa traz representa

20. UPPs reduzem ataques na Zona Sul do Rio. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p. 16.

21. Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão. O Globo, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010, c. Rio, p.1.

22. Ataques diminuem de 44 para 9 em 24 horas. O Globo, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010, c. Rio, p. 23.

23. O Globo, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010, c. Rio, p.1.

24. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Rio, p.1.

25. Cosgrove e Dell Dora (2005) definiram os mapas deste tipo como “war-comic action-image”.

Como foi a conquista do Complexo do Alemão

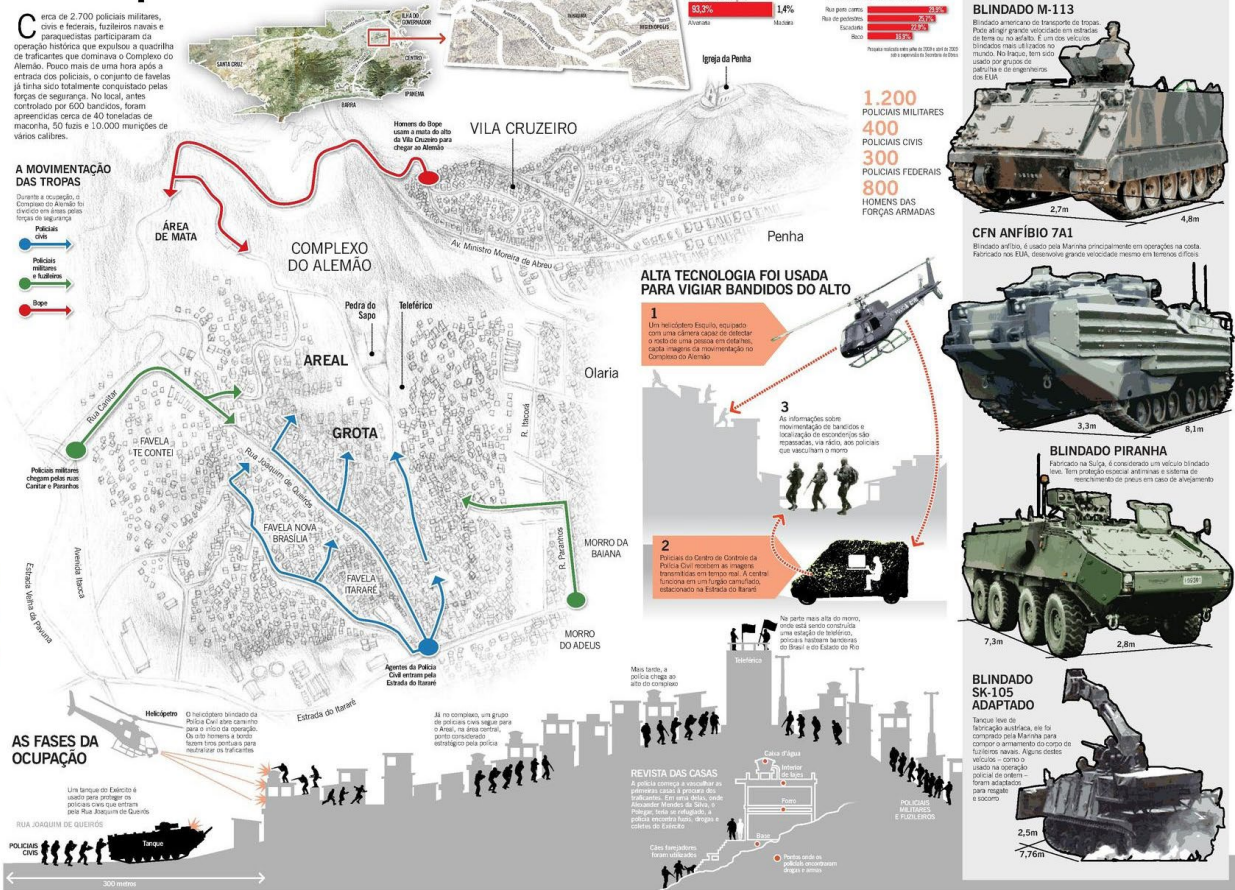


Fig 6. Mapa do jornal O Globo, intitulado ‘Como foi a conquista do Complexo do Alemão’ Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. c. Especial (‘A guerra do Rio’), p.10 - 11.

26. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.4.

também uma superioridade organizacional, intelectual e tecnológica na conquista do território da favela, o que é ressaltado também na matéria “Vitória de estratégia e inteligência” [26]. A conquista territorial é considerada fácil em matérias como “Ocupação em apenas uma hora” [27]. Neste ponto, os ataques do tráfico no ‘asfalto’ já estão em segundo plano, aparecendo somente na página 18 – “Estado registra apenas 7 ataques” [28]. Desta forma, na narrativa da ‘Guerra do Rio’, o último mapa representa uma conquista territorial esmagadora da favela: o narcotráfico, que no mapa da Figura 4 ameaçou gravemente a cidade do Rio de Janeiro, agora é um inimigo ridicularizado diante do poderio colossal do Estado, como mostra a matéria “A maior das facções é humilhada” [29], onde especialistas avaliam que “a imagem de criminosos vencidos é um alerta para outras quadrilhas”. Em contraste com esta imagem do derrotado, está o vencedor, o conquistador, cujo poder é exibido para ser temido: através das forças policiais e militares, o Estado é representado como uma força exuberante e ao mesmo tempo implacável. O mapa é uma imagem da violência faustosa ostentada e monopolizada pelo Estado, e glorificada pelo discurso do O Globo.

O território inimigo é enfim conquistado de maneira heroica e irresistível: finalmen-

te O Rio é nosso [30] – título da matéria na qual artistas, formadores de opinião e leitores do O Globo fazem depoimentos “para demonstrar solidariedade à polícia com mensagens de otimismo e esperança”. Agora, nesse dia 29 pós-conquista do Alemão, o clima é festivo e ensolarado, assim como na matéria “E o Rio de Janeiro continua lindo” [31], na qual, mostrando fotos de famílias na Praia de Ipanema e na Lagoa Rodrigo de Freitas, afirma que “aliviados e mais seguros, cariocas retomam a rotina e, enfim, aproveitam a cidade”.

Depois da ‘guerra’; a ‘paz’

Concluída a narrativa dos três mapas escolhidos, reconhecemos que ela vai da ameaça territorial do Rio de Janeiro até a conquista da favela, quando finalmente chega a ‘pacificação’. Esta dá nome ao programa da UPP e andou de mãos dadas com a guerra no discurso do jornal O Globo, no qual a tensão entre guerra e paz foi constante. No noticiário do jornal, geralmente o efeito imediato das ocupações de favelas foi a chegada da paz, o que é simbolizado na manchete “A senhora liberdade abriu as asas sobre nós” [32], na qual a fotografia de um grupo de policiais com fuzis é sobreposta por uma pomba branca após a ocupação policial-militar do Complexo do Alemão. Terminada a conquista das favelas com maior visibilidade no Rio de Janeiro e a subsequente implantação de UPPs, acaba o discurso da ‘Guerra do Rio’, seguido pelo discurso da ‘Pacificação’, repleto de títulos de matérias tais como ‘Após a Pacificação’ [33], ‘Rumos da Pacificação’ [34] e ‘Depois da Pacificação’ [35].

No discurso da ‘Pacificação’, a paz é onipresente, mesmo no caso do sequestro, tortura e assassinato de Amarildo [36] e em outros casos de violência praticada por policiais da UPP contra moradores da favela, como intimidações, agressões físicas, proibição de festas e manifestações, toque de recolher, revistas humilhantes, assédio sexual, invasões domiciliares, roubos, etc. (TEIXEIRA, 2010, 2011, FERRAZ, 2012, BRITO, 2013, OLIVEIRA, 2013). No discurso da ‘Pacificação’, estes casos são apenas um obstáculo, um “acidente de percurso” do programa da UPP, não deixando de ser paz. O título ‘A guerra do Rio’ começou a ser usado no jornal quando este considerou que a violência havia ultrapassado os limites da favela, invadindo o ‘asfalto’. No discurso da ‘Pacificação’, a violência contida apenas no território da favela é considerada paz.

Considerações finais – O mapa da ‘Guerra do Rio’ e o ‘outro’

Os mapas da ‘Guerra do Rio’ reforçaram a alteridade geográfica entre ‘asfalto’ e ‘favela’, assim como na representação do ‘oriental’ pelo ‘ocidental’, segundo Edward Said (1990), o dominante construiu a imagem do dominado. Esses mapas retrataram a narrativa da conquista do território do ‘outro’ do ponto de vista de um discurs-

27. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.3.

28. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.18.

29. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.17.

30. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.20.

31. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Rio, p.12.

32. O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010, c. Especial (‘A Guerra do Rio’), p.1.

33. Estado fará bairro em área de refinaria. O Globo, Rio de Janeiro, 15 out. 2012, c. Rio, p.1.

34. PM ocupa favelas para última UPP da Zona Sul. O Globo, Rio de Janeiro, 30 abr. 2013, c. Rio, p.1.

35. A redenção do Dois Irmãos. O Globo, Rio de Janeiro, 24 ago. 2013, c. Rio, p.10.

36. Amarildo Dias de Souza, ex-morador da Rocinha, morto por policiais da UPP em 2013.

so midiático dominante, que promoveu o encontro entre o ‘eu’ e o ‘outro’ através da espetacularização da violência. No discurso midiático sobre a violência, o encontro com o ‘outro’ “é somente o consumo de sua imagem – algo posto para o ver, para ser exibido, por ser exótico, pitoresco, alienado, monstruoso, brutal ou anômalo. Um ‘outro’ que habita as regiões da marginalidade, da enfermidade, da pobreza e da morte.” (RONDELLI, 1997, p.158-159)

No entanto, o ‘outro’ não foi o personagem principal em nenhum desses mapas da ‘Guerra do Rio’, e sim o conquistador, as forças policiais e militares do Estado, em uma exposição sem disfarce do seu poder intimidador e opressivo. Isto difere de outras representações de alteridade na história da cartografia, como nos mapas europeus da época da colonização da América, que representaram certos povos indígenas do continente americano através da imagem do ‘canibal’. Segundo Joaquín Barriandos (2011), esta descrição ‘monstruosa’ dos índios nos mapas dos conquistadores europeus ajudou a construir uma alteridade cartográfica que identificava o território ‘bárbaro’ e a ‘civilização’, o que era um fator legitimador para o massacre de indígenas. Em oposição, nos mapas da ‘Guerra do Rio’, o território ‘bárbaro’ – a favela – é identificado através da presença ostensiva dos conquistadores.

Referências

ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. Um Século de Favela. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BARREIRA, Marcos; BOTELHO, Maurílio Lima: O Exército nas ruas: da Operação Rio à ocupação do Complexo do Alemão. Notas para uma reconstituição da exceção urbana. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver - Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. Nómadas, Bogotá, Universidad Central Bogotá, v. 35, p. 13-29, 2011.

BORIA, Edoardo. Geopolitical Maps: A Sketch History of a Neglected Trend in Cartography. Geopolitics, v. 13, p.278 - 308, 2008.

BRITO, Felipe. Considerações sobre a regulação armada de territórios cariocas. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BRITO, Felipe; VILLAR, André; BLANK, Javier. Será guerra?. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

CHOMSKY, Noam. Manufacturing Consent. New York: Pantheon Books, 1988.

COSGROVE, Denis; DELL DORA, Veronica. Mapping Global War: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's Pictorial Cartography. Annal of Association of American Geographers, v. 95, n. 2, p.373- 90, 2005.

FERRAZ, Sonia. Desordem/Ordem na cidade, políticas de segurança e violência. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres; EGLER, Tamara Tania Cohen; SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). Política governamental e ação social no espaço. 1.ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 167-174, 2012.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. A Ordem do Discurso. (Trad. Laura de Almeida

Sampaio) São Paulo: Loyola, 1998.

_____. As Palavras e as Coisas. (Trad. Salma Tannus Muchail) São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GREEN, David. Journalistic Cartography: Good or Bad? A Debatable Point. The Cartographic Journal, v. 36, n. 2, p. 141-153, 1999.

HARLEY, John Brian. Mapas, saber e poder. Confins. v. 5. 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/index5724.html>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

HERB, Henrik. Persuasive Cartography in Geopolitik and National Socialism. Political Geography Quarterly, v.8, n.3, p. 289-303, 1989.

LEITE, Márcia Pereira. Entre a 'guerra' e a 'paz': Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 7, p. 625-642, 2014.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. 'Violência urbana', segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, maio/ago. 2010

MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Civitas, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, set./dez. 2008

MONMONIER, Mark. Maps with the news: the development of American journalistic cartography. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

_____. How to lie with maps. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

NOVAES, André Reyes. Fronteiras Mapeadas - Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-Americanas na Cartografia da Imprensa Brasileira. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

_____. Geopolítica e Imprensa: Richard Edes Harrison e o Papel dos Mapas Midiáticos na História da Geopolítica. Revista Geonorte, v. 7, p. 131-146, 2013.

OLIVEIRA, Pedro Rocha de. Golpes de vista. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

RISTOW, Walter. Journalistic Cartography. Surveying and Mapping, v. 17, n. 4, p.369 - 390, 1957.

RONDELLI, Elizabeth. Mídia e violência: ação testemunhal, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade. Comunicação e Política, n.3. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, p.141-160, 1997.

SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

TEIXEIRA, Eduardo. A 'doutrina da pacificação'. Passa Palavra, 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/01/34214>>. Acesso em: 02/03/2014

TEIXEIRA, Eduardo. Unidades de Polícia Pacificadora: O que são, a que anseios respondem e quais desafios colocam aos ativismos urbanos? (1ª parte). Passa Palavra, 2010. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2010/06/25554>>. Acesso em: 26/02/2014

***Liebert Bernardo Rodrigues Ferreira Pinto** é mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF).